

O cavalo e o tucano

Com Brasil

Pouco depois de ter assumido o Ministério da Fazenda, o professor Pedro Malan voltou de uma viagem à Europa contando a forte impressão que lhe causara o filme *Germinal*, baseado no romance do mesmo nome do escritor francês Emile Zola. É a história de uma greve fracassada de mineiros de carvão. Há o conservador poderoso, com suas certezas econômicas, o sindicalista veterano e cético, o jovem iletrado que descobre o poder da própria indignação.

A genialidade de Zola, capaz de acordar as emoções de seus leitores anos depois de passarem por sua narrativa, esteve em concentrar quase toda a poesia desse choque entre interesses humanos na agonia de um cavalo amarelo. Chamava-se Bataille. Passara a vida no fundo da mina. Antes de morrer, sentiu "o cheiro esquecido do Sol".

A dor das famílias derrotadas, o fatalismo da vitória do forte e a inocuidade do sacrifício pessoal podem parecer consequências inevitáveis de uma ordem social irrevogável. Mas o que torna intrigante

a aventura humana é o fato de que, apesar de tudo, as pessoas são capazes de se emocionar sempre que houver um cavalo amarelo morrendo depois de cheirar o Sol esquecido. Nem todas, é verdade. A Baronesa Thatcher, por exemplo, certamente considera *Germinal*, o socialista Zola, a greve perdida e o cavalo morto, uma demagogia proletária. Não faz isso por má, senão por convicta de suas idéias.

A maneira como o tucanato vem conduzindo a fracassada greve dos petroleiros e o que se antecipa das próximas decisões na área econômica sugerem a construção de um personagem improvável. Um tipo cujos objetivos se moldaram de tal forma ao mundo das decisões práticas que só reencontra suas emoções na ficção. Nella se vê como o que não é, mas gostaria de ter sido. Reprime a greve dos petroleiros brasileiros durante o dia e emociona-se com os mineiros franceses do século passado à noite.

Se a questão pudesse ser circunscrita à greve dos petroleiros, o problema seria quase irrelevante. Quando a liderança sindical achou que tinha o di-

reito de prolongar uma greve que obrigara os trabalhadores a carregar bujões pelas ruas da periferia das grandes cidades, comprou o próprio risco. Esse risco era a derrota humilhante. Se o governo exagera na intransigência, expandindo o que lhe parece ser uma vitória quando na realidade é apenas aumento do prejuízo, o problema é outro. Os sindicatos brasileiros precisam aprender que a greve é a forma suprema de confronto trabalhista e não se chega a ele sem calcular direito o preço da derrota.

O problema está no tipo de sociedade que o tucanato tem na cabeça. De um lado, pretende-se desindexar os salários, deixando-os ao sabor da livre-negociação. É provável que os custos sociais de semelhante providência sejam toleráveis. É certo que a livre-negociação tem mais racionalidade. Chega a ser indiscutível que, em tese, ela é o melhor sistema. Raspa-

se a pátina racionalista da proposta e descobre-se que o governo que pretende desindexar a economia propõe a desindexação dos salários, mas não tem peito para desindexar o

**O governo que
desindexa
o trabalho
deve desindexar
também
o capital**

capital. Assim como foi valente com os petroleiros e manso com os ruralistas, parece um professor de Oxford quando fala com os trabalhadores e um vendedor de jilós quando se senta com os banqueiros. A desindexação do capital, por meio do fim da TR nos contratos a serem celebrados no futuro, teria duas vantagens. De um lado obrigaria o sistema financeiro a expandir as suas áreas de competição. De outro, transformaria a inflação numa coisa intolerável. O cidadão que comprasse um apartamento a juros livres simplesmente iria à bancarrota se a inflação ressurgisse. Como essa perversidade econômica tem o hábito de subvencionar quem tem dinheiro à custa de quem não o tem, nada melhor do que tornar intolerável a idéia de um governo capaz de namorar com a inflação.

Por mais difícil que seja produzir uma desindexação geral, ela teria a vantagem de permitir ao cavalo Bataille da vida nacional conhecer o cheiro de uma sociedade que, pelo menos na intenção, desse iguais oportunidades e constrangimentos ao capital e ao trabalho.